

Sumario

El autor se propone, en este artículo, explicar, con base en el Nuevo Testamento, lo que es el kerigma para el mundo de hoy. Establece, primero, la relación entre kerigma y catequesis para, luego, profundizar en la identidad del kerigma en tres elementos básicos: la buena nueva de Jesucristo, la proclamación del mensaje y la interpelación del oyente a la conversión. Además, presenta el contenido del kerigma que se puede sintetizar en el misterio pascual y en el llamado a la conversión; identifica el método de la predicación kerigmática que no es otro que la inculturación, animada por la fuerza de la sabiduría de la Cruz; establece la relación entre los textos bíblicos y los acontecimientos salvíficos, lo mismo que entre kerigma, tradición, teología y exégesis; y termina colocando la nota característica del kerigma en América Latina y el Caribe: la opción por los pobres.

O que é o querigma?

Pe. Dr. Luiz Alves de Lima, sdb

Profesor de Catequética en el Instituto Teológico Pio XI de São Paulo, Brasil; director y redactor de la Revista de Catequesis del Centro Universitario Salesiano - UNISAL; miembro del Grupo Nacional de Reflexión Catequética de la CNBB; miembro de la Sociedad de Catequetas Latino-americanos; Experto de la Sección de Catequesis del CELAM; profesor del Instituto Teológico Pastoral para América Latina-ITEPAL.

Introdução

Percorrendo toda a Galiléia, Jesus ensinava em suas sinagogas, proclamava a Boa Nova do Reino e curava toda doença e enfermidade entre o povo» (Mt 4, 23). Neste simples versículo do Novo Testamento está descrito em forma dinâmica, e não conceitual, o que é o querigma. O acontecimento do Reino, realizado plenamente no mistério da morte e ressurreição de Jesus, continuou a ser propagada por seus discípulos. Paulo o afirma: «Eu vos transmiti, em primeiro lugar, o que eu mesmo receberei: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Pedro e depois aos doze» (1Cor 15, 3-5). A Igreja considera sua missão primordial proclamar esse evento, convidar à conversão e à fé.

O Novo Testamento não explica explicitamente o que é o querigma. Contudo, na linguagem usada revela suficientemente o que ele significa. Seu significado, que se refere tanto a um processo como a um conteúdo, dificilmente pode ser traduzido com uma só palavra nas línguas modernas. Neste artigo pretendo refletir sobre esta identidade do querigma. Tendo já publicado anteriormente algo sobre este tema¹, volto novamente sobre ele, motivado agora pelos estudos que a secção de catequese do CELAM está realizando sobre os «processos querigmáticos». O objetivo é aprofundar outros aspectos da identidade do querigma, tendo sempre presente o processo da transmissão e educação da fé, isto é, a catequese.

150

¹ Luiz ALVES DE LIMA, O querigma e sua relação com a catequese in Medellín XXVI (2000) n° 104, pp. 547-563.

1. O atual interesse pelo querigma

a) *Presente e passado da catequese, e o anúncio querigmático*

Em tempos de cristandade, que durante séculos prevaleceu no Ocidente, em partes do Oriente e da África, a ação da Igreja visava alimentar e manter a fé cristã nos povos evangelizados: era mais uma pastoral de conservação ou manutenção do que propriamente de avanço e conquista. A catequese estava a serviço deste modelo pastoral. O conceito de missão e evangelização propriamente dita era reservado para a propagação da fé (propaganda fidei) aos povos (ad gentes) que viviam nas assim chamadas «trevas do paganismo».

Nesse contexto a catequese, como aprofundamento da fé, adquiria um sentido densamente doutrinal. Já se supunha ou se dava por subentendido o núcleo central da fé, o anúncio alegre, vibrante e jubiloso do mistério primordial do cristianismo. A iniciação cristã, instituição tão importante no cristianismo primitivo, era feita na família ou mesmo pela sociedade: era o chamado «catecumenato social». O acesso direto às Sagradas Escrituras era dispensado, pois a «palavra de Deus» permeava a vida particular, eclesial e até social das pessoas.

A catequese, então, se «dava ao luxo» de se concentrar no campo doutrinal, cuidando de «dar razões da própria fé», estruturando o edifício racional do pensar cristão e até se enveredando pela periferia da fé, ensinando e consolidando costumes, práticas, hábitos e normas acumuladas ao longo dos séculos. A fé não precisava ser anunciada, pois não tinha sentido falar de algo tão evidente, aceito e vivido. A formulação daquilo que é essencial à fé sobreviveu, de certa maneira, na liturgia, que, por definição, é a celebração dos mistérios centrais do cristianismo. Porém, ela mesma em não poucos lugares e por muito tempo também se desviou para o devocionismo às vezes desprovido do essencial e descambando para práticas que tocavam as raias da superstição.

Hoje a realidade é outra. Já no século XVI, desde os esforços dos reformadores, em que pese seus efeitos negativos para a unidade da Igreja, passando pelo Concílio de Trento e particularmente pelo Vaticano II, a Igreja retoma e renova sua consciência missionária: ela

existe para evangelizar. Esta é sua graça e vocação própria, sua mais profunda identidade (cf. EN 14). Vivemos hoje «um tempo de missão» (Diretório Geral para a Catequese = DGC, 241b). Daí o interesse pelo «primeiro anúncio», por aquilo que é fundante na fé, enfim, pelo querigma. Interessar-se pela proclamação da boa notícia da salvação e pelos conseqüentes processos pedagógicos de iniciação à fé, tornaram-se temas obrigatórios da tarefa eclesial e conseqüentemente na reflexão catequética.

b) Querigma e catequese

Falando de processos pedagógicos, devemos dizer que na Igreja primitiva havia uma clara consciência da distinção e ao mesmo tempo complementação entre querigma e catequese. Na raiz etimológica do termo catequese (_____ catá-ekhéo), como sabemos, está o conceito de fazer eco, fazer ressoar. Ou seja: para que haja catequese, é necessário supor um som uma voz, um conteúdo prévio que torne possível o eco, a ressonância. Sem este som como será possível ressoar? Será possível ressoar o silêncio ou o nada? Por outro lado, não se pode confundir o som com o seu eco.

Ora, é aqui que, infelizmente, se estabelece um equívoco com relação aos processos catequéticos de muitas igrejas no mundo de hoje. Com seu conteúdo doutrinal e sua metodologia magisterial a catequese pretende muitas vezes aprofundar alguma coisa que não existe. E porque isso? Porque se parte da suposição de que este som, este fundamento inicial, já foi colocado e, com a catequese, pretende-se desenvolvê-lo. Herdando uma situação de cristandade nós supomos que nossos interlocutores (destinatários) comparecem à catequese já evangelizados. Presumimos que já tenham recebido o anúncio primeiro através da família ou do ambiente sócio-cultural pretensamente cristão em que vivem. Chegamos, assim, a um paradoxo: a catequese, na prática, se transforma no «eco» de um som que não foi emitido, de uma «voz» que não foi pronunciada. E por isso, muitas vezes cai no vazio, não tem ressonância nem repercussão no interior das pessoas.

Podemos dizer que de um lado muitos já superaram a ingênua convicção que identificava ensino doutrinal da religião com a fé e

confiava no ensino doutrinal como caminho de iniciação à fé cristã. Por outro lado, muitos agentes de pastoral, incluindo aí também membros da hierarquia, resistem em reconhecer que já não vivemos num clima de crmandade, principalmente nos grandes centros urbanos. O substrato católico persiste (cf. Puebla 7), a cultura está impregnada de elementos cristãos; os monumentos, os costumes, as festas, o calendário civil denotam a presença forte do catolicismo, ou, ao menos do cristianismo na alma latino-americana. Entretanto podemos nos perguntar se as pessoas realmente são cristãs, se foram evangelizadas, se tiveram já um contato pessoal com Jesus Cristo... Já se despertaram de fato para a fé? Podemos dizer que nossos católicos ou cristãos já tiveram realmente uma experiência vital de Jesus Cristo?

Há analistas que levantam tal questionamento até com relação a pessoas que vivem no seio da própria hierarquia ou mesmo na vida consagrada, ou seja: há sacerdotes que são ótimos funcionários eclesiais, excelentes executivos de uma comunidade religiosa, mas...com uma experiência pessoal de fé muito fragilizada. O mesmo se passaria com certos religiosos, para os quais, viver como membro de um instituto de vida consagrada é uma das tantas opções de vida, que se apresentam no mundo de hoje, em geral com garantias de um bom padrão de vida... Numa constatação mais generalizada, mas não menos dramática e preocupante, o DGC fala de segmentos de pós-cristianismo que permeiam ambientes outrora cristãos (cf nº 111).

Por isso estamos diante de um aspecto da catequese que com frequência se esquece: a necessidade de um primeiro anúncio, de uma proclamação de Jesus Cristo, cuja ressonância no interior da pessoa que está numa caminhada de fé será desenvolvida depois pela catequese. Tem sentido uma catequese meramente doutrinal para pessoas que ainda não passaram por uma experiência de Jesus Cristo, pelo impacto de uma descoberta pessoal, necessitado sim de ulterior aprofundamento, mas que já toca sensivelmente a vida de tais pessoas?

Desta maneira, hoje, dificilmente se poderá entender uma catequese que não seja precedida por uma ação de primeiro anúncio, de proclamação missionária, enfim, de uma proposta querigmática. O ensino doutrinal não pode ser considerado como catequese em sentido próprio, a não ser onde é dirigido a um grupo de crentes que já acolheram o querigma e professam as Escrituras como Palavra de Deus.

O DGC ressalta o «caráter missionário da atual catequese e a sua propensão em assegurar a adesão à fé, de catecúmenos e catequizandos, num mundo no qual o sentido religioso se obscurece» (29). A «acentuada característica missionária» (DGC 33) é o grande desafio para o futuro. De agora em diante «a catequese, junto com sua função de iniciação, deve assumir freqüentemente tarefas missionárias» (DGC 52), especialmente com jovens e adultos (DGC 185 e 276). Falar de tarefas missionárias significa falar da primeira proposta a ser feita para quem não conhece vitalmente Jesus Cristo, ou seja: anunciar o centro, o núcleo da fé cristã, o querigma. É sobre isso que aqui vamos refletir.

2. Identidade do Querigma no Novo Testamento

Estamos pois, num momento de intensa valorização do chamado querigma apostólico. A palavra quer designar em primeiro lugar o ato de proclamar, de anunciar um grande acontecimento: o advento, a chegada entre nós da salvação realizada em Jesus Cristo. Significa também o conteúdo ou objeto desta pregação, o centro ou núcleo da alegre mensagem cristã: o mistério da morte e ressurreição de Jesus, gesto reconhecido e professado como reconciliação do gênero humano com Deus, como redenção da humanidade e, como consequência, único caminho para se obter a salvação.

A palavra querigma, tem sua raiz etimológica no termo grego clássico _____kerix) que já se encontra em Homero. Significa o proclamador, arauto, mensageiro, embaixador. É interessante notar que kerix aparece no Novo Testamento só três vezes, em textos muito tardios², e a própria palavra _____ (kérigma), com o significado de mensagem proclamada, aparece também muito pouco (cf abaixo).

² São estas estas 3 passagens, das quais as duas primeiras contêm formulações querigmáticas: 1Tm 2,7 (depois de anunciar que há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo que se entregou em resgate por todos, Paulo diz que deste testemunho ele tornou-se arauto (kérix) e apóstolo); 2Tim 1, 11 («foi Deus quem destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade pelo Evangelho, para o qual eu mesmo fui constituído arauto, apóstolo e doutor»); 2Ped 2, 5 (refere-se a Noé, o arauto da justiça).

a) *A mensagem proclamada: a boa nova de Jesus Cristo, conversão, o poder de Deus agindo*

Mais precisamente, Paulo usa o termo _____ (kérigma) para indicar a mensagem de Jesus Cristo (Rm 16, 25: kérygma Iesou Christou) por ele proclamada, ou a sua pregação em geral (1Cor 1, 21; 1Cor 2, 4; 15, 14). De um modo mais formal encontramos esse conceito em 2Tim 4, 17 (« Senhor revestiu-me de força a fim de que a mensagem fosse por mim proclamada e escutada por todos os pagãos») e Tit 1, 3 («...Deus que, nos tempos fixados, manifestou a sua palavra numa mensagem que me foi confiada...»).

Nos evangelhos o termo quérygma aparece apenas em Mt 12, 41 e paralelos, e em Lc 11, 32: são referências à pregação de Jonas em favor de Nínive. Pelo contrário, o verbo ker_ssein (anunciar, pregar) aparece bem 62 vezes no Novo Testamento: nas cartas de Paulo 19 vezes; 12 em Marcos; 9 em Mateus; 9 em Lucas; 8 nos Atos; e 1 vez em 1Pedro e Apocalipse. Em João, Hebreus e Tiago nunca aparece este verbo.

O objeto ou conteúdo deste verbo anunciar é na maioria das vezes to euanghélion (evangelho, boa nova) ou Iesous Christós (Jesus Cristo): «nós pregamos a Cristo crucificado...poder de Deus e sabedoria de Deus (cf 1Cor 1, 23-25). João Batista anuncia um batismo de conversão para o perdão dos pecados enquanto que em Lucas prevalece a Basiléia (Reino), o que é evidente também em Mateus³.

Usando poucas vezes tanto o termo oficial keryx (arauto, anunciador), como a própria palavra kériigma (mensagem), o Novo Testamento dá preferência ao verbo _____ker_ssein): proclamar, anunciar. Isto significa que se quer dar mais valor ao evento eficaz da pregação em si mesma e não tanto à instituição ou pessoas nela envolvidas, como era entendido na linguagem comum. No lugar de keryx prefere-se o conceito de apóstolo (enviado). João que prioriza o verbo _____ (martyreín = ser testemunha), quando se trata de

³ Somente a título de exemplo destes objetos ou conteúdos do anúncio querigmático: Gal. 2,2; Col 1, 23; Mc 1, 14; Mt 9, 35; 1Cor 15, 12; 2Cor 11, 4; At 9, 29; Lc 3, 3; At. 10, 37; Lc 9, 2; At 28, 31, etc.

utilizar o substantivo, usa martyria (o testemunho) e não mártir (pessoa que testemunha = testemunha)⁴.

Com o querigma se realiza o acontecimento da potência de Deus. Na verdade o próprio vocábulo querigma significa também explosão, potência difusiva. O que é verdadeiramente novo é precisamente o anúncio, por meio do qual vem o Reino de Deus. A mensagem é a Palavra de Deus e de Cristo. O conteúdo desta mensagem alegre (euanghélion) é, em última análise, a redenção e salvação da pessoa humana em Cristo Jesus. Ela deve ser comunicada «oportuna e inoportunamente» (2Tim 4, 2), íntegra e não falsificada, também «quando vier o tempo em que a boa doutrina será considerada insuportável» (2Tim 4, 3). Quanto mais se distancia do Jesus histórico e da pregação apostólica, se insistia sobre a «sã doutrina» (1Tim 1, 10; Tit 1, 9; 2, 1-2) e sobre a conservação do precioso bem, do bom depósito que foi confiado (1Tim 6, 20) e se exorta a permanecer firme naquilo que se aprendeu (cf 2Tim 3, 14).

b) O arauto, proclamador do anúncio querigmático

Para a primeira comunidade cristã o verdadeiro proclamador da mensagem da salvação é o próprio Deus, o mesmo Cristo. Não querem falar dos pregadores humanos, mas do anúncio (kérygma) em si mesmo: a mensagem está acima do mensageiro (keryx): ele é «servo da Palavra» (Lc 1, 2), «testemunha da luz» (Jo 1, 8).

Como a mensagem deve ser pregada em línguas e culturas diversas, ela não pode tornar-se uma repetição monótona: é preciso anunciar a Palavra de Deus de maneira diversa sem proclamar uma palavra diversa. É o que Paulo afirma: «fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível. Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus... fiz-me fraco com os fracos para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para a todo custo ganhar alguns. E faço tudo isto pelo Evangelho, para ter parte nele» (1Cor. 8, 19-23).

⁴ Alguns outros termos gregos usados para significar o processo de propagar a mensagem evangélica usados pelo Novo Testamento, são os seguintes: euangelissein = anunciar a boa notícia (54 vezes), didaskein = ensinar (95 vezes); katekein = ressoar, instruir (6 vezes), krazein (gritar), homilein (pregar), paradidonai (transmitir) e outros.

c) *O ouvinte do anúncio salvador*

Para compreender o conceito e o conteúdo exato de querigma devemos recorrer ao contexto de todo o novo testamento. Querigma é o acontecimento do convite que, dirigido aos ouvintes, chama-os em causa, interpela-os. Corresponde ao ato de o profeta se apresentar e falar em nome de Deus. Quanto ao conteúdo, pode-se demonstrar, em base ao Novo Testamento, que o querigma se identifica com a substância evangélica da mensagem cristã, ou com o centro da revelação. Não é uma informação neutra, como se seria possível ouvi-la e depois esquece-la: é o anúncio de um acontecimento envolvente, sem o qual a vida da pessoa não pode ser compreendida nem vivida sensatamente. O querigma possui um caráter crítico que leva a um confronto, é provocador, deixa inquietações e pede uma resposta do ouvinte. Ele quer conduzir a pessoa «pelos caminhos do Senhor» (cf At 18, 25; 1Cor 12, 3).

Falar de Jesus Cristo significa, desde os inícios da pregação cristã, suscitar uma memória perigosa que questiona radicalmente o homem como medida de todas as coisas, que dá ao homem uma nova compreensão de si mesmo e ao mesmo tempo uma nova imagem de Deus e uma nova visão do mundo. Além disso, faz uma projeção audaz para o futuro, relativizando o mundo, a história e colocando a plena realização do homem no futuro escatológico quando Deus «for tudo em todos» (1Cor 15, 28; Col 3, 11)⁵.

3. O conteúdo do querigma: o mistério pascal e convite à conversão

Como sabemos pelos estudos bíblicos, o querigma ou anúncio do Cristo que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação (cf Rom 4, 25) é o tema desenvolvido pelos primeiros escritos do Novo Testamento (epístolas, particularmente de Paulo), ao passo que os feitos e as palavras, as ações e os ensinamentos do Senhor foram escritos posteriormente nos livros dos quatro evangelhos.

⁵ Cf LÄPPLE Alfred, *Breve storia della catechesi*. Brescia, Queriniana 1985, pp. 39-50.

A narrativa de Lucas nos Atos dos Apóstolos que traz a primeira pregação apostólica, é rico de formulações querigmáticas principalmente na pregação de Pedro, de Paulo e de Estevão⁶. O querigma aí aparece como a proclamação oficial em nome de Deus e se concentra na essência do cristianismo: Cristo-Messias morto, ressuscitado, glorificado e aprovado pelo Pai. Ele é o Salvador e Senhor (Kyrios) da História.

A questão da ressurreição causou grande impacto no auditório helenístico: a palavra grega ressuscitar não tem conotação mitológica: heróis e semi-deuses tornavam-se divinos, na mitologia grega, de outros modos sem passar pela morte. Ressuscitar significava apenas acordar alguém de um sono ou levantar uma pessoa. Que Deus tenha «suscitado Jesus de entre os mortos» (At 17, 31) causou estranheza aos sábios gregos... deixaram Paulo falando sozinho: «sobre isso te ouviremos noutra ocasião» (cf At 17, 32). A novidade específica do querigma não é bem aceita espontaneamente!

O ponto central do querigma neotestamentário, numa outra formulação, é o anúncio da chegada do Reino de Deus. Ele não é explicado ou interpretado exegeticamente, mas proclamado como um acontecimento. Designa a soberania real de Deus exercida agora, em Cristo Jesus, na história, em contraste com toda soberania terrena (cf 1Cor 15, 24; Ef 3, 10-12). A característica principal deste reino divino é que Deus realiza o ideal régio da justiça, um ideal ardentemente almejado pela humanidade e jamais realizado em plenitude na terra. Esta justiça é a infinita misericórdia divina manifestada em Jesus Cristo (cf 1Cor 1, 30; 2Cor 3, 9; 5, 21; Ef 4, 24; Fil 1, 11 etc.) e que se traduz principalmente no amor e defesa que Deus faz dos pobres, desvalidos, fracos, viúvas e órfãos (cf. abaixo nº 9).

Pertence também ao anúncio querigmático o apelo à conversão. No Antigo Testamento este conceito de conversão já era bem conhecido; expressava-se com a palavra *shûb* que significa mudança de caminho, deixar o caminho do mal e seguir as vias do Senhor. Caminho e mudança de caminho (conversão) traduzem algo bem

⁶ Cf. At 2, 14-19; 3, 12-26, 7, 2-53; 10, 34-43; 13, 16-41; 17, 22-30.

concreto, como era próprio da mentalidade semita. Ao anunciar a conversão no mundo helênico, mais intelectualizado, os autores do Novo Testamento usam o termo metanoia que significa uma mudança de mentalidade. Entretanto, mais do que um elemento intelectual e uma adesão da razão a uma verdade demonstrada, o querigma em sua perspectiva de conversão, atinge profundamente o sentimento e a vontade.

Tocando em algo de tão essencial na experiência humana, como é o fato da salvação ou busca de sentido global para toda a vida, a mensagem querigmática atinge profundamente o coração das pessoas que se deixam evangelizar, aceitam ser tocadas pela ação salvífica de Deus em seu Filho Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo. Esta dimensão afetiva não está muito presente na tradição católica recente, que se racionalizou por demais na expressão doutrinal de sua fé, com certo prejuízo para a ação evangelizadora e sobretudo a catequese. Já as correntes evangélicas (protestantes) e particularmente os segmentos pentecostais, neste sentido, são mais claros e diretos ao anunciar, sem rodeios, «o Senhor Jesus Cristo como Senhor e Salvador», fazendo apelo à vontade e ao sentimento, dimensões tão apreciadas na presente cultura pós-moderna.

É ainda fundamental no anúncio querigmático o convite à participação na vida nova de Jesus Cristo e na vida e missão da Igreja como povo messiânico através da fé e dos ritos sagrados. Daí o conceito de mistério (sacramentos). Mistério é o desígnio (projeto, plano) eterno e misericordioso de Deus, agora revelado, realizado em Jesus Cristo, comunicado a todos os povos (cf Rm 16, 25; Ef 3, 9; Col 1, 26-27; 1Tm 3, 16) e simbolizado através dos ritos litúrgicos. O batismo, que em grego significa imersão, é o rito fundamental pelo qual o discípulo que acolhe este anúncio de Jesus é mergulhado em sua morte e ressurreição, começa a participar da vida divina em Cristo e a viver como criatura nova na comunidade dos santos (Igreja).

Como nas religiões místicas das quais o cristianismo assumiu alguns elementos rituais, também o catecúmeno, ou seja, aquele que aceitou o anúncio da salvação, coloca-se num caminho de conversão e de instrução na fé. Ele precisa fazer sua iniciação: ser introduzido nos grandes mistérios da fé: primeiramente no mistério da pessoa de

Jesus, constituído Messias e Senhor, e na Igreja como seu corpo presente no mundo, mas também nos grandes sinais da fé e da Igreja: o batismo, a unção do Espírito e a Eucaristia, chamados justamente de _____mistério (em latim: sacramento). Desde o início da Igreja estes três sacramentos são considerados justamente sacramentos da iniciação.

4. O modo da pregação querigmática

Ao anunciar o querigma, a mensagem única da fé já é inculturada com relação à sua expressão, conforme o ambiente sócio-cultural onde é anunciada. As comunidades judaico-cristãs, de fato se abrem às exigências do cristianismo nascente, ao passo que as do helenismo criam novas formas de transmissão da mensagem com esquemas diferentes. Assim, podemos analisar diferenças culturais e nuances teológicas diversas no anúncio e vivência da fé em Damasco (At 22, 14-16), em Antioquia (Gal. 2, 11-14), aos judeus cristãos em Corinto (Gal. 1, 11-14), aos judeus do helenismo (1Cor 2, 6-11), na instrução aos carismáticos de Corinto (1Cor. cap. 12-14), aos gregos no areópago de Atenas (At 17, 16-34).

O conteúdo e a maneira inculturada de transmitir a mensagem cristã aparecem claros quando se analisam os discursos querigmáticos dirigidos aos judeus da comunidade israelita, aos judeus prosélitos na diáspora e aos gentios do mundo helênico. Nos Atos dos Apóstolos encontramos documentação farta e detalhada destas pregações

a) Pregação querigmática aos judeus de Israel

Os Atos relatam em primeiro lugar os discursos querigmáticos de Pedro. Logo após Pentecostes (At 2, 14-36) na pregação aos judeus, fazendo largo uso das Escrituras que seu público bem conhecia, Pedro concentra-se na morte de Jesus, sua ressurreição e subida aos céus e o envio do Espírito Santo. É enfático ao afirmar que tais acontecimentos realizam as Escrituras e que eles, os apóstolos, são testemunhas de tudo isso. Diante da disposição de seu auditório em acolher esta mensagem salvadora anunciada sob a visível moção da inspiração divina, Pedro convida-os à conversão, à recepção do batismo para a remissão dos pecados e à acolhido do Espírito Santo.

Num segundo discurso no pórtico de Salomão (At 3, 12-36) aos elementos anteriores Pedro acrescenta o tema da força do nome de Jesus e da fe salvadora, anuncia a segunda vinda do Senhor e indica o tempo entre as duas vindas como «tempo de arrependimento-penitência-conversão».

Já no terceiro discurso na casa do centurião Cornélio (At 10, 34-43), Pedro faz um resumo da histórica evangélica, primeiro esboço de narrativa dos fatos da vida de Jesus, que basicamente será seguido depois, e repete, com outras palavras, os conceitos dos discursos anteriores.

b) Pregação aos judeus da diáspora

Falando aos judeus na sinagoga de Antioquia (At 13, 16-41) Paulo propriamente repete os argumentos de Pedro: o tema central é o de Jesus, o Servo sofredor. Mas enquanto Pedro coloca em evidência o desígnio de Deus, pois Jesus «foi traído segundo o imutável desígnio da presciência de Deus» (At 2, 23), Paulo ressalta o caráter de expiação dos pecados que a morte de Jesus assumiu em favor não são dos judeus, mas de toda a humanidade, pela fe: « graças a Jesus que vos vem o anúncio do perdão dos pecados; e esta justificação, que não pudestes obter na lei de Moisés, não ele é que ela é plenamente concedida a todo homem que cr». Desponta aqui também o tema da comparação entre a lei e a graça, ou entre a salvação pelas obras da lei ou pela graça de Deus que ocupar largamente suas epístolas. Paulo ainda ressalta que Deus ressuscita a Cristo para glorific-lo (Rom 8, 34).

c) Pregação aos pagãos de Atenas

Aqui (At 17, 16-34) Paulo fala para gente culta e de imbuídos da filosofia estica e procura usar a mesma linguagem do seu público ouvinte. Se confrontarmos a proclamação da «mensagem» aos judeus com esta pregação aos pagãos, vemos que o núcleo central é sempre a morte redentora e ressurreição gloriosa de Jesus Salvador, e a atitude de conversão diante deste poderoso acontecimento. Porém, tendo presente os dois auditórios diferentes, aos judeus Paulo apresenta a Páscoa de Cristo como realização do desígnio salvífico de Deus, começado no tempo de Abrao, enquanto que aos pagãos Paulo remonta  vocação histórica do primeiro homem.

Neste esquema-modelo querigmático de Paulo, admiramos a estima que ele manifesta pelos valores culturais helênicos: cita anonimamente (como era costume na época) poetas contemporâneos, inspira-se em Epimênedes de Cnosso (sem citar o nome) e usa terminologia repassada de estoicismo: Paulo fala a linguagem dos homens aos quais anuncia o querigma salvífico. Assim a mensagem não soará totalmente estranha aos seus interlocutores. É também importante sublinhar que Paulo coloca o querigma na linha das aspirações religiosas dos atenienses: «Aquele que vós venerais sem o saber, eu vo-lo anuncio».

5. O desenvolvimento do querigma: a catequese

Na pregação apostólica da boa nova é possível individuar uma primeira fase: a do querigma propriamente dito, público ou privado. Pedro se dirige primeiramente aos judeus apresentando Cristo que cumpre as promessas do Antigo Testamento e Paulo se apresenta aos gregos gentios e desenvolve o tema do único Deus, numa apologia antiidolátrica. Numa segunda fase, a pregação apostólica cristã se prolonga em instruções e exortações ao convertido, como está documentado nos Evangelhos e Epístolas: são as primeiras expressões da incipiente catequese, que irá aprofundar os elementos fundamentais do querigma, ampliá-los, consolidar a conversão iniciada e propor um longo itinerário de preparação para os sacramentos da iniciação, ou seja, o catecumenato batismal.

De fato, ao querigma que conduz à conversão e adesão a Jesus Cristo, deve-se seguir a descoberta da fé através de uma catequese sempre mais completa. Aqui também não encontramos no Novo Testamento o substantivo catequese, mas o verbo *katekhéin* (no sentido de «instruir sobre alguma coisa» (At 21, 21-24), sobre a Lei (Rom 2, 18) ou, finalmente a instrução cristã: 1Cor 14, 19 e principalmente Gal. 6, 6, onde aparecem o termo catecúmeno, «aquele que recebe a instrução» e o vocábulo catequista, «aquele que ensina a Palavra».

Para indicar outras ações posteriores ao anúncio querigmático, o Novo Testamento é rico de conceitos diversos como: *didáskein*

(ensinar), anghélein e compostos (anunciar), léghein (dizer), homologhéin (professar), martyréin (testemunhar), euangelízomai (anunciar uma boa notícia), ghnorízein (fazer saber), e outros.

No Novo Testamento estão claramente presentes e intimamente unidos o querigma anunciador do núcleo essencial do cristianismo e a catequese como desenvolvimento e aprofundamento. Foi Santo Atanásio (+ 375) que começou a usar vocábulo querigma no sentido de «ensinamento cristão, ensinamento da Igreja», depois que o termo já tinha sofrido modificações. Lamentavelmente, com o caminhar da história perdeu-se, como já dissemos no início, o vínculo entre querigma e catequese, como também entre catequese e a dimensão litúrgica, do qual o processo catecumenal, modelo supremo de toda a catequese, estava tão imbuído. Um dos grandes desafios da evangelização hoje em dia é justamente recuperar esta união íntima entre anúncio querigmático e catequese, entre liturgia ou dimensão celebrativa da fé e a educação da mesma fé (catequese).

6. Pregação querigmática: a força da sabedoria da Cruz

A pregação cristã das origens se diferencia da oratória clássica não só na substância, mas também no método⁷. Paulo afirma que seu método de pregar é diferente daquele dos rabinos e pagãos (1Tes 2, 1-7). O pregador cristão não deve basear-se no belo palavreado da retórica humana, mas sobre a substância do conteúdo (2Cor 11, 6).

A pregação não trata da ciência humana, mas da sabedoria divina (1Cor 3, 18-20), não se fundamenta em argumentos filosóficos, mas sobre a potência do espírito de Deus (1Cor 2, 4-5), não tem necessidade da eloquência, mas da verdade do Evangelho (1Cor 2, 1-2; 2Cor 4, 1-2). O anunciador da verdade da salvação não se gloria com a vaidade humana, mas toca na profundidade das consciências colocando diante deles o mesmo rosto de Cristo, que reflete a imagem de Deus e seu resplendor (2Cor 4, 2-6).

⁷ Retomo aqui elementos já expostos no meu artigo acima citado na nota 1, pp. 553-554.

Portanto, as regras da pregação missionária estão em contraste com a retórica clássica. No centro da pregação está o Servo sofredor de Javé que conheceu o fracasso. O modelo de pregador é Cristo que foi rejeitado pelos próprios conterrâneos (Lc 4, 23; Mc 6, 1-6). O missionário deve sentir continuamente o espinho na própria carne e uma grande confiança na graça de Deus que conta com a fraqueza humana. As injúrias e perseguições são a fortaleza do orador cristão (2Cor 12, 7-10). De fato, a natureza do anúncio cristão está na «palavra da Cruz que é loucura para aqueles que se perdem, mas para nós, que estamos no caminho da salvação, é a potência de Deus» (1Cor 1, 18-25).

Àquele que proclama o querigma não resta outra coisa senão gloriar das próprias fraquezas (2Cor 11, 30; 12, 5), de modo que toda glória seja atribuída a Deus (1Tes 2, 4.6). Ao homem compete pregar o evangelho gratuitamente, como gratuitamente o recebeu (2Cor 11, 7). Assim, uma vez que tudo depende de Deus e da consciência do ouvinte, a pregação cristã não está presa a uma forma ou método específico de comunicação, podendo servir-se de todas as formas em uso nas várias regiões, culturas e civilizações. Assim, constatamos que as formas de proclamação do Evangelho são originais. A tradição oral, as aclamações, o querigma, o credo, os evangelhos são gêneros próprios do cristianismo e só materialmente possuem certa analogia com outros gêneros.

7. Querigma: texto, evento

Como entender a dinâmica querigmática, ou seja, os processos que levam realmente da proclamação das fórmulas querigmáticas à adesão da fé e ao encontro pessoal com Jesus Cristo? Algumas reflexões tomadas da filosofia e, particularmente da hermenêutica, poderão nos ajudar, sem nenhuma pretensão de apresentar fórmulas mágicas ou milagrosas...⁸.

⁸ Aqui me sirvo do fascículo: Anunciar Jesus Cristo como? Coleção Estudos Bíblicos 39, no texto de Miguel Ângelo Guimarães JULIANO, Dinâmicas querigmáticas. Petrópolis, Vozes 1993, pp. 33-36.

Todos nós temos esta experiência: apesar de tantos esforços, a leitura bíblica, tanto na liturgia como na catequese, não alcança o efeito desejado de mobilização (movimento, movimentação) da pessoa e da comunidade, de adesão e entusiasmo por Jesus Cristo. Para muitos cristãos a leitura bíblica, mesmo dos textos querigmáticos (e os há em abundância em todo o Novo Testamento) é inofensiva. Os textos sagrados parecem ser simples depósito de verdades doutrinárias e teóricas. Assim lidos, geram quando muito uma compreensão intelectual de dados doutrinários, inofensivos em si, sem poder de mobilização, de mudança de comportamento pessoal e transformação da realidade comunitária e social.

Podemos dizer que todo texto é codificação de um evento. Daí se entender evento como algo que carrega e guarda em si a força de levar a tomar uma decisão e o impulso em direção a assumir uma atitude. A narração de um evento não é, pois, o simples dizer algo, mas é um dizer, ouvir ou ler que comporta e inclui um convite a uma mobilização, mudança e reação. O querigma é, pois, um evento que faz mover. Ele é em si um movimento, é uma notícia comovente, com a força daquilo que desinstala e conduz a um outro lugar: tem a força de algo que interpela... Ele é, por definição, o transbordamento dos limites do que foi dito e transmitido. Ele se expande continuamente, na medida em que dinamiza conteúdos e configura horizontes..

Em sua dinâmica o querigma não comporta representação fotográfica de elementos meramente doutrinários ou de conceitos preestabelecidos. Neste sentido, o querigma é sempre transgressor e impulsiona numa direção criativa e transformadora. A grande questão e desafio para comunidade eclesial hoje são o aprender a explicitação e convivência com a novidade que aponta para algo sempre mais adiante e renovadamente configurado. É neste sentido que sempre se fala de Reino de Deus (objeto do querigma), embora nenhum conceito consiga, em si, abarcar a significação de sua realidade.

Tudo isto exige uma apresentação e apropriação do evento como comunicação querigmática. Isto supõe a leitura da Bíblia não como algo superficial e corriqueiro, mas como apropriação da experiência de uma comunidade a fim de se descobrir no texto um modelo vivo para a ação. Isto é, um olhar fixado sobre um texto para

descortinar e fazer emergir a experiência fontal que possibilita uma leitura na direção de uma ação a ser vivida e atualizada. Neste sentido, o texto ou a proclamação, será sempre, por sua força querigmática, uma história concreta, vivida e codificada com riquezas e novidades sempre atuais. Trata-se de um texto, nascido da necessidade eclesial, que testemunha a dinâmica comunitária vivida à luz da fé.

Em todos os textos literários, de modo geral, o contexto da ligação inicial entre autor e destinatário já não existe mais. O destinatário não é o mesmo da primeira vez, assim como o contexto atual não coincide com aquele do primeiro destinatário. Por isso, o texto não deve ser entendido como uma simples fotografia de algo que foi vivido, mas como veiculador de uma dinâmica que impulsiona para novas atitudes e novas ações. O leitor será sempre chamado a compreender-se diante do texto.

Para isso, o autor destas reflexões aponta três passos:

1. Descoberta e efetivação da dinâmica do querigma como evento comunicativo que produz o novo, ação salvífico-transformadora no coração da história e da sociedade. Isto não se faz sem o uso adequado de métodos de interpretação.
2. Buscar, na experiência eclesial, abrir espaços aos desafios da pluralidade e do contexto da sociedade moderna, proporcionando o encontro com dinâmicas diversificadas.
3. Leitura do texto bíblico ou anúncio que torne a comunidade capaz de se apropriar e descobrir a dinâmica que impulsiona para uma ação compartilhada no diálogo, na busca do bem comum e no cuidado com os pequenos e pobres (cf. nº 9 abaixo)

8. Querigma, tradição, teologia, exegese

O querigma é uma das mais expressivas formas do ministério da Palavra de Deus. Entretanto, não é a única. Como sabemos, também a catequese, a educação permanente à fé, a liturgia, a teologia e outras atividades da Igreja também pertencem ao ministério da Palavra (cf DGC 51-52). Neste item pretendemos refletir sobre a relação entre querigma e outras duas formas eminentes da Palavra de Deus: teologia, exegese.

A forma querigmática revestia-se de um caráter de proclamação oficial da fé na pessoa de Jesus feita aos não crentes, com o escopo de anunciar-lhes a salvação escatológica⁹. Rahner assim resume o sentido de querigma (cito na tradução em castelhano): «es la palabra que, por razón de una delegación de Dios y de la Iglesia, se dirige a la comunidad creyente o al individuo, como palabra de Dios y de Cristo mismo, y de manera eficaz hace presente lo pronunciado en la situación del interpelado. Se trata, pues, del acontecer de lo pronunciado en la situación del oyente; acontecer históricamente perceptible en el decir y en el oír. Y esto como palabra eficazmente pronunciada en nombre de Dios, que es oída bajo la acción de la oferta de lo pronunciado (gracia de la fe justificadora).

E, relacionando o querigma com a teologia, assim se expressa: «El kerygma es algo más y algo distinto de los artículos del dogma de la Iglesia, que se adecuan meramente a la cosa; en los cuales la Iglesia no proclama el kerygma, sino que, ejercitando su «magisterio extraordinario», se limita a señalar las fronteras entre la verdad y el error. El kerygma es también algo más que la reflexión humana sobre estos artículos (teología). Sin embargo, es norma, fundamento originario para el dogma y la teología; tiene su más intensa realización esencial en la palabra de la fe, que se dirige al individuo en el sacramento, como manifestación de la salvación de Dios, que se da cuando se realiza su aparición, su «signo»¹⁰.

Podemos ainda aprofundar a relação do querigma com outras maneiras de dizer a fé. E aqui me sirvo das reflexões do teólogo brasileiro Félix Alexandre Pastor: «A inteligência teológica (fides quaerens intellectum) deve levar em consideração o princípio da função corretiva do querigma com relação à tradição eclesial. É verdade que a Tradição ajuda a interpretar a significação salvífica do querigma; mas o querigma ilumina poderosamente o significado das fórmulas dogmáticas. Tarefa da teologia é mostrar sistematicamente

⁹ Conforme RAHNER a forma querigmática se dividia em omologhia, ligada mais aos títulos cristológicos de Jesus como Messias e como Filho de Deus; e em credo: um ou mais artigos sobre a morte, ressurreição, ascensão e parusia do Senhor.

¹⁰ K. RAHNER - Herbert VORGRIMLER, Diccionario teológico. Barcelona, Editorial Herder 1966, p. 378.

como o dogma deriva do querigma, procurando explicitá-lo e defendê-lo. Em conseqüência, a teologia deveria iluminar o fundamento neotestamentário da realidade enunciada nas próprias fórmulas, procurando chegar até Jesus mesmo no seu ministério e na sua cruz, e não se limitando a alguns conceitos relativamente tardios na teologia neotestamentária. Com efeito, de Jesus mesmo deriva a experiência religiosa e a tradição de fé, das quais a comunidade cristã perenemente vive e sobre as quais constantemente meditam a teologia e a piedade. Esta finalidade coincide com a intenção dos grandes teólogos do Novo Testamento, preocupados sempre em atualizar a memória, a presença e a significação religiosa da palavra e da obra de Jesus.

A análise exegética é indispensável para a reflexão sistemática posterior. A crítica histórica e literária é insubstituível para uma reta interpretação da significação teológica dos textos mais relevantes na tradição bíblica e eclesial, confrontando diferenças e coincidências, em ordem a distinguir a hierarquia das verdades, o núcleo da fé e as formulações contingentes. Deste modo, serão superados dois perigos que ameaçam a reflexão teológica com relação à tradição eclesial: ignorá-la ou idolatrá-la. A Tradição é serva e não senhora do querigma: atualiza-o na proclamação, explicita-o na formulação. Não pode, porém, substituí-lo na significação e na profundidade. Com efeito, o querigma contém a substância da revelação e o paradigma da nossa experiência de fé, enquanto explicitada na história da salvação. Esta fé constitui o a priori de toda a hermenêutica do querigma e da tradição.

A linguagem bíblica conserva um valor permanente, como expressão da fé no seu momento constitutivo inicial, enquanto fé da comunidade eclesial, que aceita a revelação do amor do Pai na Cruz de Cristo. Em certa maneira, tal linguagem constitui também uma norma non normanda (norma que não deve ser normalizada) para qualquer ulterior formulação teológica. Não existe paralelismo na relação entre Velho e Novo Testamento, por uma parte, e a relação entre Tradição e Escritura neotestamentária, regida pelo princípio de fidelidade ao acontecimento cristão. Deste modo, torna-se evidente que a ajuda do querigma para a compreensão do dogma não é inferior à ajuda do dogma na inteligência do querigma»¹¹.

¹¹ F. A. PASTOR, *Semântica do mistério: a linguagem teológica da ortodoxia trinitária*. São Paulo, co-edição Edições Loyola e PUC do Rio de Janeiro, 1982, p. 5-6.

9. Querigma e opção pelos pobres

Neste esclarecimento sobre o querigma não se pode deixar de acenar à sua relação com a opção pelos pobres, marca tão característica da Igreja latino-americana: «o querigma está centrado na categoria de Reino de Deus que se concretiza na realização da justiça para com os pobres. Os pobres e pecadores são os primeiros destinatários do evangelho, donde a opção preferencial por eles. Esta dimensão evangélica foi profundamente assimilada pela tradição latino-americana no pós-concílio. Este retorno da Igreja latino-americana ao querigma, ao centro da mensagem cristã, deu-lhe um novo vigor, como todos sabemos, não sem crises profundas e principalmente gerando muito sofrimento e até mesmo derramamento de sangue de muitos cristãos. O martirologio latino-americano foi enriquecido com grandes e pequenos testemunhas da fé, gente célebre e de renome, como também cristãos anônimos e humildes catequistas.

Sendo algo muito central na mensagem de Jesus, a vigência do querigma hoje será autêntica sempre e quando a Igreja não considerá-lo unicamente como pura récita de uma lista de verdades que devem ser aceitas oral e mentalmente. Ele deverá ser proclamado como verdadeira «boa notícia» (euanghélion) de que Deus e seu enviado, Jesus Cristo, estão diretamente do lado dos pobres, dos sofredores, daqueles que buscam uma segurança e uma salvação para além das forças humanas, da influência do dinheiro, do poder político e dos impérios humanos. Para aqueles que gozam de segurança e mesmo dos bens materiais, o anúncio querigmático deve acentuar a extrema misericórdia do Pai diante da fraqueza e do pecado humano»¹².

10. Conclusão

Haveria ainda que nos estender sobre o anúncio querigmático na missão da Igreja hoje, mostrando como desde o Vaticano II e particularmente após a *Evangelii Nuntiandi* (1974), passando pela *Catechesi Tradendae*, *Redemptoris Missio*, muitos documentos latino-americanos (Santo Domingo, sobretudo) até o *Diretório Geral*

¹² Luiz ALVES DE LIMA, o.c. p. 555.

para a Catequese, a insistência contínua da Igreja tem sido a preocupação de retornar à mística evangélico-missionária que animava os primeiros cristãos no anúncio querigmático.

Não se trata de reproduzir mimeticamente o anúncio querigmático da comunidade primitiva (como diz o DGC 69e com relação ao catecumenato), mas fecundá-lo com os progressos e conquistas do movimento catequético de toda a Igreja e sobretudo da América Latina nestas últimas décadas, particularmente a redescoberta da Bíblia como texto privilegiado de catequese, a comunidade cristã como lugar, fonte e meta da catequese, o princípio da interação entre fé professada e a vida concreta dos crentes em todos seus aspectos, e, finalmente, a riqueza da dimensão antropológica ou situacional, característica típica de nossa catequese

Bibliografía

ALBERICH Emilio, Kerygmatica (Catechesi) in J. GEVAERT (ORG.), Dizzionario di Catechetica, LDC, Leumann (Torino) 1986, pp. 374-376.

ALCEDO TERNERO Antonio M^a, Anuncio Misionero in PEDROSA V. - J. SASTRE (ORG.), Nuevo Diccionario de Catequética, Madri, Paulus 1999, pp. 188-195.

ALCEDO TERNERO Antonio M^a, La catequesis kerigmática en el nuevo Directorio General para la catequesis in Teología y Catequesis 17 (1998) n^o 65, enero-marzo, pp. 25-46.

ALVES DE LIMA Luiz, O querigma e sua relação com a catequese in Medellín XXVI (2000) n^o 104, pp. 547-563.

COENEN L., _____ Kerygma _in COENEN L. - E. BEYREUTHER - H. BIETENHARD, Dizzionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento, Dehoniane, Bologna 1976, pp. 1375 - 1387.

CONFERENCIA DEL EPISCOPADO DOMINICANO, Carta Pastoral sobre la Catequesis desde hace 500 años, Santo Domingo, Amigo del Hogar, 1995, 54 pp.

CRUZ ETCHEGARAY A., *História de la Catequesis*. Santiago 1962.
Tradução em italiano: *Storia della Catechesi*. Torino-Leumann, LDC 1984.

DANIÉLOU Jean - Régine DU CHARLAT, *La catechesi nei primi secoli*. Torino-Leumann, Elle Di Ci 1970.

DEPARTAMENTO DE CATEQUESIS DEL CELAM, *Contribuições catequéticas para a 4a. Conferência Geral do CELAM em São Domingos* in *Revista de Catequese [Brasil]*, 15 (1992) Out.-Dez., nº 60, pp. 68-76.

GARITANO LASCKURAIN Félix, *Acción Misionera* in PEDROSA V. - J. SASTRE (ORG.), *Nuevo Diccionario de Catequética*, Madri, Paulus 1999, pp. 48-59.

GIGLIONE Paolo, *Predicazione Missionaria* in SODI M. - A. TRIACCA, *Dizionario di Omiletica*, LDC, Leumann (Torino) - Gorle, 1998, pp. 1206-1211.

GONZÁLEZ RUIZ José M^a, *Kerigma* in FLORISTAN C. - J. J. TAMAYO (ORG.), *Conceptos fundamentales del cristianismo*, Editorial Trotta, Madrid 1993, pp. 675-682.

GROPPO Giuseppe, *Predicazione apostólica* in J. GEVAERT (ORG.), *Dizionario di Catechetica*, LDC, Leumann (Torino) 1986, pp. 506-509.

JULIANO Miguel Ângelo Guimarães, *Dinâmicas querigmáticas in Anunciar Jesus Cristo como?* Coleção Estudos Bíblicos 39. Petrópolis, Vozes 1993, pp. 33-36.

JUNGMANN Joseph A., *Le problème du message à transmettre ou le problème kerygmatique* in *Lumen Vitae* 5 (1950) avril-septembre, pp. 271-276.

LÄPPLE Alfred, *Breve storia della catechesi*. Brescia, Queriniana 1985.

MONTERO GUTIÉRREZ Manuel, *Catequesis de carácter misionero (Catequesis kerigmática)* in PEDROSA V. - J. SASTRE (ORG.), *Nuevo Diccionario de Catequética*, Madri, Paulus 1999, pp. 337-347

PASQUATO Ottorino, Catechesi: epoca patristica in SODI M. - A. TRIACCA, Dizionario di Omiletica, LDC, Leumann (Torino) - Gorle, 1998, pp. 232-238.

PASTOR Felix Alexandre., Semântica do mistério: a linguagem teológica da ortodoxia trinitária. São Paulo, co-edição Edições Loyola e PUC do Rio de Janeiro, 1982, p. 5-6.

RAHNER K.- Herbert VORGRIMLER, Kerygma in Diccionario teológico. Barcelona, Editorial Herder 1966, p. 378.

TESTA Emmanuele N., Annuncio in SODI M. - A. TRIACCA, Dizionario di Omiletica, LDC, Leumann (Torino) - Gorle, 1998, pp. 66-71.